

de Antônio Ferreira, “A Castro” foi a única tragédia clássica escrita em língua portuguesa no período do Renascimento, inferimos a importância deste tema e sua repercussão na época, visto que foi publicada pouco tempo depois de *Os Lusíadas*. Na apresentação crítica da tragédia de Ferreira, da edição de 1989, T. F. Earle nos informa que: “A história de Inês de Castro tem tido um impacto extraordinário, em Portugal e no estrangeiro, e a sua figura, revestida duma auréola macabra, mas ao mesmo tempo enfeitiçadora, pode facilmente obscurecer a natureza real da obra de Ferreira” (Earle, 1989, p.16). O que não ocorreu, de fato, todavia a tragédia de Ferreira permanece pouco conhecida, à sombra da epopeia de Camões, muito mais difundida e de maior notoriedade.

O Renascimento, período em que *Os Lusíadas* foi escrito, levou muitos poetas a comporem obras no que era considerado o gênero máximo da escrita – o Épico – e este foi um ponto importante e decisivo que motivou Camões a escrever o seu poema épico. *Os Lusíadas* narra uma história grandiosa e, em partes, verídica, diferente das histórias dos heróis míticos celebradas tanto pelos gregos e romanos da Antiguidade, quanto pelos poetas do seu tempo. Por meio de um narrador onipresente, a epopeia camoniana traduz bem a extraordinária aventura da conquista do mar em busca de terras distantes e ignoradas pelo homem, dando ênfase ao herói coletivo que representa a sua Nação, traduzida pelo título da obra. Com uma história desse calibre, somada ao seu grandioso talento, Camões escreveu a melhor epopeia do Renascimento.

É no interior desse poema épico que Camões relata, no canto III, o episódio de Inês de Castro. De acordo com o que consta nos dados históricos, Inês veio a Portugal como dama de companhia de D. Constança Manuel, noiva de D. Pedro, herdeiro do trono português. O príncipe apaixonou-se pela dama, com quem teve filhos. Com a morte de D. Constança, D. Pedro, supostamente, casou-se com Inês. A relação amorosa de ambos não foi bem vista pelo rei, D. Afonso IV, que temia que o seu filho estivesse envolvido em manobras de Castela para, futuramente, reintegrar Portugal a seu território. Em consequência desse fato, o rei, persuadido por seus conselheiros decidiu matar brutalmente Inês, degolando-a em janeiro de 1355, enquanto o príncipe estava ausente caçando nos limites de Coimbra, cidade em que viviam. Este crime motivou um longo conflito entre o príncipe e o pai, assim como corrobora Manuela Mendonça (2005, p. 28):

Viveu-se então um confronto sem precedentes em que pai e filho se opunham, numa terra empobrecida pelas fomes e pela peste. Por acção de sua mãe, D. Pedro acabaria por assinar a paz com Afonso IV [...] Poucos meses depois, no princípio de 1357, morria D. Afonso IV [...] O novo monarca português, D. Pedro I, via então chegado o momento da sua vingança nos assassínios de D. Inês de Castro.

Depois de proclamado rei em 1357, D. Pedro, como forma de vingança, ordenou matar, com requinte de crueldade, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves que participaram do assassínio igualmente cruel de Inês. Conta a lenda que o rei exigiu, em 1361, seis anos após a morte de Inês, executar a exumação do cadáver de Inês para que, assim, ela fosse coroada como uma verdadeira rainha, digna de todas as condecorações, que incluíam o cortejo por grande parte do reinado, a cerimônia do beija-mão e a coroação da morta.

A partir desse mito e fazendo uma analogia ao conceito da verossimilhança retratada nessa obra literária, Salvatore D'onofrio (1995, p. 18) afirma que: "a obra de arte, por não ser relacionada diretamente com um referente do mundo exterior, não é verdadeira, mas possui a equivalência da verdade, a verossimilhança, que é a característica indicadora do poder ser do poder acontecer". Em sua epopeia, Camões ficcionaliza a verdade histórica do fato, lançando mão da verossimilhança, e leva o leitor a um episódio de intensa poetização e liricização. O poeta insiste na inocência de Inês como vítima do amor, mais do que vítima de razões políticas, ao contrário do que os fatos históricos nos revelam.

No decorrer das estâncias 118 a 135 do canto III, Camões direciona sua atenção para o embate entre o amor e as forças trágicas do mundo. Inúmeros elementos convergem para tornar este episódio um dos mais venerados em *Os Lusíadas*. Assim como corrobora Francisco Achcar, o cerne dessa admiração reside na intensidade emocional da história, suscitada tanto pela compaixão evocada por Inês e seus filhos, quanto pela persistência apaixonada, inconformada e revoltada de D. Pedro. A magnitude da questão em jogo também é crucial, colocando-se em oposição aos interesses individuais e coletivos (representando a razão do Estado). Ademais, o encanto lírico que Camões teceu em torno da figura de Inês, dotando-a de um discurso longo e corajoso, eleva-a a um dos grandes ícones da literatura portuguesa (Achcar, 1999). Esse encanto lírico é amplificado principalmente pelo fato de ser o próprio Camões quem narra a tragédia de

Deste causa à molesta morte sua” (Camões, 2009, p. 158) e a descrição de um amor feliz e correspondido: “Do teu Príncipe ali te respondiam / As lembranças que na alma lhe moravam” (Camões, 2009, p. 159). Em concomitância, a introdução também é marcada pela descrição de Inês como uma figura angélica e piedosa. É sugerida em sua caracterização, a nobre elegância de uma Rainha: “Estavas, linda Inês, posta em sossego, / De teus anos colhendo doce fruto...” (Camões, 2009, p. 159). Ela é vítima do amor, de si própria e da sua beleza: “Tais contra Inês os brutos matadores, / No colo de alabastro, que sustinha / As obras com que Amor matou de amores...” (Camões, 2009, p. 162). Também, como forma de aproximá-la ainda mais de uma figura divina, remetendo-nos ao Novo Testamento bíblico, Inês é comparada a um cordeiro a ponto do sacrifício, defendendo o seu amor pelo príncipe e por seus filhos até as últimas consequências: “Na mísera mãe postos, que endoudece, / Ao duro sacrifício se oferece...” (Camões, 2009, p. 161).

A Ação Central, que corresponde ao conflito gerado, abarca as causas da oposição do rei Dom Afonso IV acerca do relacionamento de Inês com Pedro, a decisão e os objetivos de matar Inês e, por fim, o dia fatal em que ela é trazida junto ao rei para a execução. No belo discurso de Inês, centrado em um pedido de clemência, ela faz uma proposta ao rei apelando à sua condição de mãe e, conseqüentemente, a dele de avô. A fala de Inês é construída por meio de um discurso argumentativo e persuasivo com o objetivo de levá-lo a desistir de matá-la. O discurso é marcado pelo emprego da segunda pessoa do singular (tu) que dá um valor de intimidade entre os dois. Inês também argumenta a existência de outras alternativas que não acarretassem na morte dela: “Põe-me em perpétuo desterro e mísero, / Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente, / Onde em lágrimas viva eternamente” (Camões, 2009, p. 161), e o apelo à situação de mãe inocente.

Esse tópico centra-se no contraste entre a felicidade amorosa de Inês, representada por suas memórias de alegria, com a precipitação trágica dos acontecimentos. Além dessa apresentação comovente da protagonista, outros pontos se fazem importantes de serem destacados, no que tange às características da tragédia, tais como: a ação trágica que culmina na morte da protagonista: “Tais contra Inês os brutos matadores, / No colo de alabastro, que sustinha / [...] / As espadas banhando e as brancas flores / Que ela dos olhos seus regados tinha” (Camões, 2009, p. 162). A presença dos sentimentos de terror e piedade em “horríficos

algozes”;; “Mova-te a piedade sua e minha” (Camões, 2009, p. 160) e a transição da felicidade despreocupada para a desgraça inesperada, juntamente com a existência de personagens de elevada linhagem social: “despois de ser morta foi Rainha” (Camões, 2009, p. 158). A ação central se encerra com a reação positiva do rei: “Queria perdoar-lhe o Rei benino” (Camões, 2009, p. 161); porém, por interferência do povo e de seus conselheiros, a sentença se mantém e chega-se ao ponto culminante do enredo (clímax): “Tal está, morta, a pálida donzela, / Secas do rosto as rosas e perdida” (Camões, 2009, p. 162).

Nas considerações finais é exposto o posicionamento do poeta acerca da morte de Inês: “Bem puderas, ó Sol, da vista destes, / Teus raios apartar aquele dia” (Camões, 2009, p. 162) e a vingança de D. Pedro: “Não correu muito tempo que a vingança / Não visse Pedro das mortais feridas, / Que, em tomando do Reino a governança, / A tomou dos fugidos homicidas” (Camões, 2009, p. 163). Do mesmo modo, nesse trecho do episódio, assim como observado nas tragédias clássicas, emana, no leitor, o sentimento da catarse, gerada pela comoção ocasionada pelo assassinio de Inês: “As filhas do Mondego a morte escura / Longo tempo chorando memoraram...” (Camões, 2009, p. 162).

Por fim é importante destacar a crucial presença do destino e da fatalidade que dominam as personagens inocentes: “Que desta sorte o quis” (Camões, 2009, p. 161); “Que a Fortuna não deixa durar muito” (Camões, 2009, p. 159) e a presença do narrador que substitui o coro, o qual vai comentando os acontecimentos trágicos: “Contra hua dama, ó peitos carniceiros, / Feros vos amostrais cavaleiros?” (Camões, 2009, p. 161).

3 AS INTERTEXTUALIDADES MITOLÓGICAS

Além de todas essas características que ligam o episódio a uma tragédia clássica, temos outro importante aspecto caracterizador desse gênero, que são as referências à mitologia grega, as quais servem de complemento para enfatizar ainda mais o sentido trágico e universal da história de Inês de Castro. Tais referências serão chamadas de intertextualidade, conceito amplamente estudado dentro da área da Linguística Textual, o qual parte do pressuposto de que todo texto carrega dentro de si outros textos previamente escritos, formando um compósito de textos que possuem uma relação direta e indiretamente uns com os outros, assim como corrobora a linguista e crítica literária Julia Kristeva

(1974, p. 64): “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

É a partir dessa absorção e de seu grande repertório sociocultural que Camões se utiliza de três intertextualidades para comparar a tragédia de Inês de Castro às histórias de grandes personagens da mitologia grega. A primeira intertextualidade a ser destacada está na estrofe 126 e faz referência à rainha Semíramis e aos irmãos Rômulo e Remo, como podemos observar a seguir:

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piadoso sentimento
Como co a mãe de Nino já mostraram,
E cos irmãos que Roma edificaram (Camões, 2009, p. 160).

Nesta estrofe Semíramis, única mulher a governar o império Assírio, filha da deusa Astarte e mãe de Nino, citado na estrofe, foi abandonada quando criança em um monte e alimentada por aves de rapina. Segundo a lenda, Semíramis foi originalmente uma rainha consorte, casada com o rei Ninrode. Após a morte de seu marido, ela assumiu o controle do império e governou com grande destreza. É frequentemente retratada como uma líder astuta e estrategista, responsável por expandir os domínios do império através de campanhas militares bem-sucedidas. É importante ressaltar que Semíramis é uma figura lendária e as histórias e mitos associados a ela não têm fundamentos históricos sólidos. Ela é um exemplo de personagem mitológico que transcendeu os séculos e continua a fascinar a imaginação das pessoas até os dias atuais.

A história de Rômulo e Remo, lendários fundadores de Roma, está intrinsecamente ligada ao tema do abandono. De acordo com a lenda, esses irmãos foram abandonados logo após o nascimento, sendo deixados à mercê das águas do rio Tibre. Essa ação de abandono reflete a tentativa de impedir seu destino e proteger Rea Silvia, sua mãe, de punições. No entanto, o abandono revela-se um elemento crucial para o desenvolvimento dos irmãos, pois são acolhidos e alimentados por uma loba, sobrevivendo graças a esse ato inesperado. Essa conexão com o abandono, desde seu início, permeia a narrativa e destaca a resiliência e a

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. Tragédia de amor é momento lírico em poema épico. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 de outubro de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fovest/fo1510199912.htm>. Acesso em: 02 jun. 2023.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Lisboa: Porto editora, 2009.

CASTRO, Aníbal Pinto de. “Da Crónica à Lenda e da Lenda ao Mito”. In: MONTEIRO, João Gouveia; CASTRO, Aníbal Pinto de; DIAS, Pedro. *O reencontro de D. Pedro e D. Inês*. Coimbra: Associação para o Desenvolvimento do Turismo da Região Centro, 1999. p. 33-39.

D’ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 1995.

EARLE, T. F. “Introdução”. In: FERREIRA, Antônio. *A Castro*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1989.

FERREIRA, Antônio. *A Castro*. Apresentação crítica, notas e sugestões para a análise literária de T. F. Earle. Lisboa: Editorial Comunicação, 1989.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MENDONÇA, Manuela. “O Tempo de Inês de Castro”. In: SOUSA, Maria Leonor Machado de (org.). *Colóquio Inês de Castro, actas 15 de Janeiro de 2005*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005.

PIMENTEL, Alberto. *Idílio dos Reis*. Lisboa: Emprezas Litterarias, 1886.

SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984. p. 19-39.

SOUSA, Maria Leonor Machado de (org.). *Antologia poética Inês de Castro*. Lisboa: ACD Editores, 2005.

Recebido em 16 de janeiro de 2023

Aprovado em 28 de junho de 2023

Licença: 

Michael Jones Botelho

Doutorando em Letras na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Letras (Estudos Literários) e graduado em Letras Português pela Universidade Federal de Viçosa. Realizou mobilidade acadêmica na Universidade de Coimbra, Portugal, onde concluiu a Licenciatura em Português.

Contato: jonesbot26@gmail.com

: <https://orcid.org/0000-0002-0778-5272>